

Fortes D'Aloia & Gabriel

Galpão

Rua James Holland 71 | 01138-000 São Paulo Brasil

T +55 11 3392 3942 | www.fdag.com.br

re/de/composição de Antônio

Por Thiago de Paula Souza

A imagem de um terreno descampado, no Cabula, em Salvador, é uma lembrança recorrente da infância de Antonio Tarsis. Durante o dia, o espaço era usado como campo de futebol pelas crianças e jovens da vizinhança. Ao redor dele crescia um matagal, que quando a noite caía, visto de longe e iluminado pelas trêmulas luzes das casas do bairro, parecia uma mata em chamas. Antônio conta que naquela escuridão uma paisagem diferente da diurna surgia em sua frente - os feixes de luz que refletiam nas plantas pareciam incendiar a vegetação. Era como se o cair da noite transformasse cada parte daquela mata em um território a ser desvelado. Lembranças como essas ecoam em vários aspectos da prática do artista e são tão fundamentais para a criação de seu repertório visual quanto os materiais de uso cotidiano que ele emprega. Tarsis tem como hábito guardar diferentes embalagens, sejam de caixas de frutas ou de fósforos. Ele adiciona novas peças à sua coleção quando percorre mercados e feiras de cidades como Londres, onde mora, ou Salvador, onde nasceu.

Em *recipe for disaster*, a primeira individual do artista em São Paulo, ele apresenta trabalhos produzidos nos últimos meses, em seu estúdio na Barra Funda. Essas obras compartilham o aspecto principal de sua produção: testar novas possibilidades de uso e circulação dos objetos descartados que coleciona, sugerindo inserções fora de seus contextos originais.

Leaf III (2023) materializa a lembrança do terreno baldio. Como se seu ateliê fosse um laboratório, Tarsis seleciona cuidadosamente os recortes que foram retirados das caixas de fruta, que combina depois sobre o papel. Impressos vindos de diferentes partes do globo são intercalados, dando forma a novas espécies derivadas desses cruzamentos. Depois de meticulosamente preencher toda a superfície, ele posiciona uma folha de papel de seda branca sobre a colagem e delinea todos os recortes que a compõem. Essa folha funciona como um stencil que orienta os recortes no papel preto, sobreposto às figuras da colagem. Novas camadas são adicionadas sobre a composição, camuflando o aspecto inicial das próprias figuras.

Se em *Leaf III* as memórias de uma paisagem em chamas eram apenas evocadas, o fogo passa a ser um dos elementos constitutivos de *Leaf, coal and seeds III* (2023). Enquanto as caixas de madeira que irão compor a colagem são desbotadas pela longa exposição ao sol, Antônio começa a preparar os palitos de fósforo queimados, que em seguida serão inseridos dentro das gavetas das caixas. Ele os cola uns aos outros, e depois que estão firmemente fixados, os corta ao meio. O número de palitos dobra e essas metades queimadas são finalmente inseridas em cada gaveta. Em *Where the end begins* (2023) pedaços de carvão substituem os palitos de fósforo, fragmentados em tamanhos adequados para que caibam nas caixas.

Apesar da diferença da técnica, os desenhos figuram como pontos de intersecção entre os diferentes materiais que Tarsis utiliza. O artista desenha sobre papel paraná, que é também utilizado industrialmente para a produção de caixas de fósforo. É um material grosso, e para torná-lo mais maleável e aderente, Antônio mergulha as chapas em água por cerca de 24 horas, facilitando o processo de marcação da superfície. A primeira intervenção é feita com pólvora, que consumida deixa resíduos sobre o papel. Em seguida, utiliza uma caneta de solda que rasga as folhas e revela as cores das embalagens de fruta coladas por trás. Por fim, seu processo envolve a reorganização de elementos, a derivação e associação de ideias, além do desenvolvimento de uma linguagem própria que possui camadas tanto dimensionais quanto afetivas.